

O FUTURO PERTENCE A ESTA UNIVERSIDADE

O professor Torres Pereira é o Pró-Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, além de coordenar o Departamento de Biologia, o Centro de Estudos de Desenvolvimento Regional, fazendo parte da Comissão de Planeamento e Obras.

Estando por dentro de, praticamente, tudo quanto se passa naquele estabelecimento de ensino Universitário, curial seria fazer-lhe uma entrevista, a permitir novos dados de apreciação, aos leitores, sobre o trabalho desenvolvido na Universidade a que já chamem o cérebro de Trás-os-Montes.

Em estilo de pergunta e resposta, aqui fica o diálogo havido.

O problema da gestão da água

CM - Quais os vectores mais importantes da investigação promovida pelo Departamento de Biologia?

TP - Dizem respeito, principalmente, com aspectos relacionados com a produtividade vegetal e a economia de água. Como sabe, estamos numa zona de características mediterrânicas, quando há temperatura não existe água e quando há água não existe temperatura.

Investigamos as taxas de crescimento das plantas e a utilização da água por essas mesmas plantas, realizando trabalhos com o milho e, presentemente, temos entre mãos o projecto do castanheiro, com muito interesse económico na região, não só devido à madeira como ao fruto.

CM - Esses estudos, após concluídos, têm uma divulgação junto dos interessados?

TP - Sim. Existem divulgações semestrais e, inclusivamente, seminários abertos ao público, nos quais temos dizendo o que estamos a investigar.

CM - Os herbicidas têm causado problemas. Existe algum

projecto de investigação a este respeito?

TP - Estudamos, também, o efeito dos herbicidas, para alcançar uma minimização das quantidades a utilizar na agricultura, com a finalidade de não sofrermos riscos de poluição acentuados.

CM - A situação actual é má?

TP - Eu diria que o herbicida é um factor de produção, esse factor de produção aumenta o investimento do agricultor. Depois há o problema do efeito residual que pode acompanhar os produtos até ao consumo.

CM - Aqui, em Trás-os-Montes, os agricultores estão a utilizar os herbicidas de uma forma indiscriminada?

TP - Depende da educação e informação que os agricultores tenham sobre o seu emprego. Existem, em Trás-os-Montes, agricultores ao nível dos da CEE, mas outros fazem agricultura em «part-time». As pessoas pensam que, se colocarem uma concentração superior de herbicida isso será bom mas pode ser muito mau.

Ajuda a projectos e cursos intensos

CM - E no Centro de Estudos do Desenvolvimento Regional, que trabalhos se encontram em execução?

TP - No Centro de Estudos temos estado preocupados, essencialmente, com duas vertentes.

Uma delas é o FAUJ - Fundo de Apoio às Iniciativas dos Jovens Empregados, iniciativa da Secretaria de Estado da Juventude. Recebemos, aqui na Universidade, vários projectos da parte agrícola, incidindo em ovinos, caprinos, abelhas, piscicultura, estufas. Damos ajuda na sua elaboração, aos que se apresentaram, e apresentámos esses projectos a financiamento, conseguindo obter, o ano passado, 70 mil contos para diversos agricultores jovens.

CM - Falou-nos em duas vertentes. Qual a outra?

TP - A outra vertente, do trabalho desenvolvido pelo Centro de Estudos do Desenvolvimento Regional, são os

cursos do Fundo Social Europeu.

Na nossa região temos apostado na formação de jovens cujas habilitações são o 9.º e o 11.º anos, principalmente para a parte de horticultura e estufas, quaisquer delas ainda sem exploração em Trás-os-Montes, além de auxiliares de laboratório e iniciação à informática.

São cursos capazes de colmatar algumas carências das muitas sentidas na região, principalmente quanto a técnicas de nível médio. Além disso têm a vantagem de serem muito intensivos, cerca de 7 meses de trabalho, preparando as pessoas com uma certa qualidade um certo sucesso.

Universidade cresce a olhos vistos

CM - O senhor professor faz parte, igualmente, da Comissão de Planeamento e Obras da Universidade. Pelo que me tem sido dado ver, a Universidade está em crescimento contínuo...

TP - Esse crescimento obedece a uns certos parâmetros e, nesse aspecto, acompanha, também, o aspecto do desenvolvimento regional.

O nosso sector que maior desenvolvimento teve, a partir de determinada altura, foi o sector de solos, devido aos vários milhares de análises a solos por ano que estamos a fazer aos agricultores.

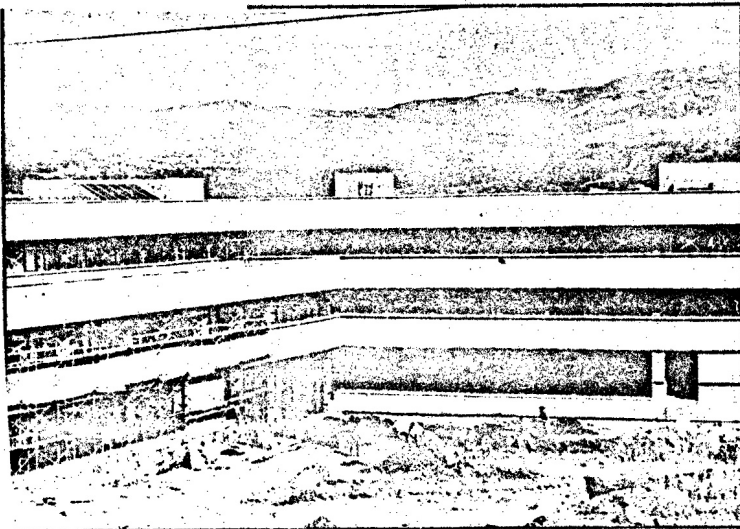
A certa altura houve necessidade de dar condições de trabalho a esse sector. Avançou, por isso mesmo, a construção do edifício de Geociências e o de Ciências Agrárias vai incluir os departamentos de Zootecnia e de Fitotecnia, porque alberga os departamentos da parte agrícola da Instituição.

O edifício que se segue é destinado às Engenharias e terá uma componente tecnológica bastante elevada, pois existe um avanço grande no campo da electrónica e necessitamos de pensar nisso. Não teremos muitos agricultores a trabalharem a nível europeu mas a tecnologia de hoje não é a tecnologia tradicional...

Por exemplo, se pretendemos lançar estufas na zona de Chaves, onde existe um polo geotérmico muito importante, surgem problemas tecnológicos difíceis de resolver e devemos preparar as pessoas de forma a torná-las capazes de darem esse apoio aos agricultores interessados.

O que tentamos, voltando aos cursos do Fundo Social Europeu, em conjunto com o nosso Centro de Estudos de Desenvolvimento Regional, é termos para oferecer uma modalidade de apoio completa, desde a produção até à venda, formando pessoas para aquilo que pensamos que venha a ser uma das grandes apostas de Trás-os-Montes: a força de culturas.

VII



O edifício de Geociências encontra-se em construção mas já se pensa num outro, para Engenharias, já que a Universidade acompanha o desenvolvimento regional

2/2

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Investigação científica

A universidade de Vila Real
é uma alavanca
de progresso (conclusão)

CIENTISTAS EM LUTA CONTRA A INTERIORIDADE

Neste momento, a grande batalha contra os males da interioridade, doença a minar na província de Trás-os-Montes desde há séculos, é travada por dezenas de cientistas da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, quer nos laboratórios das instalações universitárias de Vila Real quer nas várias quintas onde se procedem às mais interessantes e promissoras experiências.

Alguns resultados desses projectos de investigação já foram levados à prática por centenas de agricultores e, após alguns dias de observação, que passámos naquele estabelecimento de ensino superior, chegámos à conclusão de que até o Nordeste vai mudar muito já na próxima década.

Terminemos, hoje, o nosso trabalho resultante de vários dias de «frequência» naquela Universidade, onde falámos com professores e alunos, visitámos os muitos laboratórios e observámos a experiência em curso nos campos de Zootecnia, da Floresta, de Engenharia Agronómica, da Biologia e levadas a cabo pelo próprio Centro de Estudos de Desenvolvimento Regional.

Além disso tivemos uma mesa-redonda com os responsáveis pelos principais departamentos, de forma a poder transmitir uma mensagem certa e, até, necessária sobre quanto de importante ali se passa.

São projectos de filosofia prática

O professor Nuno Moreira chefiava o Departamento de Engenharia Agronómica, onde decorrem projectos de investigação em várias áreas de trabalho, como sobre forragens e pastagens, culturas hortícolas e árvores de fruto e vinha.

Noutro sector, o da Engenharia Rural, que por razões logísticas

está agregado àquele, desenvolve-se bastante investigação ligada à mecanização da cultura da vinha, em particular nos solos de encosta do Douro e outros, ligados aos problemas da rega e construções rurais.

Os nossos projectos têm uma filosofia de aplicação essencialmente prática pois todos são de investigação aplicada mas visando o desenvolvimento da agricultura regional, em particular da agricultura de Trás-os-Montes e Alto Douro - referiu-nos o responsável pelo Departamento de Engenharia Agronómica.

Estas investigações obedecem a dois fins, pois a Universidade tem de investigar para graduar as pessoas que frequentam os graus equivalentes a mestres e doutoramentos, com trabalhos aplicados, aproveitando simultaneamente para que eles sirvam à graduação dos alunos e, como resultado directo, à agricultura transmontana.

Neste caso encontram-se as investigações no campo das forragens e pastagens para as zonas de sequeiro, um outro para tentar resolver o grave problema do nemátodo da batateira, praga inimiga daquela cultura e provocar grandes abatemtos na produção.

E o professor Nuno Moreira prossegue:

- Temos entre mãos um projecto muito importante, ligado ao melhoramento e à selecção de castas do vinho do Douro. Como sabe, o vinho do Porto é a cultura com maior importância económica para a região de Trás-os-Montes.

A qualidade tornou-se numa das características fundamentais do vinho do Porto, no entanto como castas diferentes originam vinhos diferentes, há necessidade de determinar o valor de cada casta e a respectiva melhoria e introduzir, estudo que nunca se fizera, até agora, de forma séria e aprofundada.

Este sector, e todos os sectores onde se faz investigação científica na Universidade de Vila Real, tem tido a preocupação de tornar úteis os resultados dos seus trabalhos, transmitindo-os aos interessados, quer através dos extensionistas do Ministério da Agricultura quer, directamente, aos agricultores ou por outros meios adequados, como sejam as folhas de divulgação muito simples, a permitirem mesmo a técnicos de menor formação ou a agricultores aperceberem-se dos resultados obtidos nos laboratórios da Universidade.

Isto representa um grande esforço por parte da Universidade pois, segundo o professor Nuno Moreira, e como se sabe, os dinheiros públicos destinados à Extensão, para a passagem dos resultados da investigação até aos agricultores, são totalmente enregues ao Ministério da Agricultura e não passam por qualquer estabelecimento de ensino universitário.

- Trata-se de um esforço extra que fazemos - recorda o nosso interlocutor, adiantando: -

E fazemos esses esforços porque sabemos como é fraco o nosso sistema de Extensão Rural. É fraco e funciona relativamente mal, embora, possivelmente, possa vir a melhorar. Mas um investigador só se sente satisfeito quando vê os resultados das suas investigações beneficiando o sector produtivo.

Desde as forragens até às ovelhas

O professor Armando Mascarenhas Ferreira é, por seu lado, responsável pelo Departamento de Zootecnia e não recusa confessar que sente preocupações sobre a produção animal, quando ligada à problemática da produção animal no Nordeste.

Essas preocupações têm sido traduzidas sob a forma de estudos e projectos de investigação, visando resolver alguns dos problemas existentes, a nível da pecuária regional e também elec-

tuando outros estudos no âmbito do Projecto de Desenvolvimento Rural Integrado de Trás-os-Montes, no âmbito da componente de investigação agrícola aplicada.

O Departamento de Zootecnia trabalha, neste momento, num conjunto de seis ou sete projectos, da responsabilidade dos seus docentes, abrangendo áreas diversas e indo de encontro às preocupações do desenvolvimento regional, como alimentação do gado, incluindo forragens e pastagens, passando pelo estudo das dietas alimentares mais características na região e às possibilidades de melhoramento dessas dietas.

- Outro problema abordado, com alguma profundidade, é o melhoramento da produção ovina na região Nordeste, onde ela assume uma grande importância económica para o agricultor. A defesa das raças autóctones é outra das nossas preocupações, traduzida através de um projecto para a defesa da raça Maronesa, estudando possibilidades de defesa e seu melhoramento - elucidou o investigador.

Defender as raças bovinas regionais

Um outro campo onde a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro interessou o seu potencial de investigação é o das pastagens e dos bovinos, principalmente das raças bovinas regionais.

A este propósito, poderemos dizer que, sob a orientação do professor Mascarenhas Ferreira, as investigações iniciaram-se, no seu departamento e sob a sua responsabilidade, em 1983, dizendo respeito a duas zonas de tratamento homogêneo, definidas para a zona do Nordeste, corres-

pondendo às zonas dos vales submontanos e à zona de montanha.

Segundo o investigador:

- Procuramos definir quais as melhores espécies e as melhores cultivares de algumas forragens, para estabelecer prados temporários de regadio com uma duração limitada a dois e, eventualmente, três anos no sentido da melhoria do sistema de agricultura praticado nesta região.

- E quanto à defesa das raças bovinas autóctones, o que tem sido feito, em termos de investigação? - pretendemos saber.

Como existe um projecto de grande amplitude, sobre a produtividade desses animais, visando o estudo de duas raças de importância na região, a Maronesa e a Mirandesa, o professor Armando Mascarenhas Ferreira precisou:

- Por razões de vária ordem o estudo concentrou-se, principalmente, na raça Maronesa. Os bovinos maroneses são explorados com uma aptidão dupla e até tripla - carne, trabalho e algum leite - encontram-se bem adaptados às deficientes

características da região e nada se sabe sobre o seu potencial produtivo, quando melhoradas as condições de manejo, incluídas fundamentalmente as condições ligadas à parte de alimentação.

Por isso o estudo tem vindo a ser efectuado e, nesta altura, procedeu-se à selecção dos melhores animais, muitos já foram testados e cumpriram bem nos postos de cobrição onde se encontram os melhores, funcionando como sementais.

São estes que estão garantindo a melhoria da raça, sob o ponto de vista produtivo, já existindo muitos agricultores transmontanos a beneficiar de animais assim melhorados.

Para terminar, não podemos deixar de registar o facto divul-

gado pelo professor Nuno Moreira, a respeito da utilidade da investigação científica da Universidade de Vila Real para a melhoria da produção agrícola transmontana.

No caso da investigação sobre a vinha do Douro e respectivo melhoramento das castas, este ano já foi possível à Universidade, num acordo com o Ministério da Agricultura, fazer uma distribuição de 1 milhão e 200 mil garfos melhorados aos vinicultores da zona, como uma utilização directa da investigação conduzida pela Universidade.

Victor Mendanha

2/4

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Investigação científica